



## RELATO PROFISSIONAL DE WESLEY BRITO

WESLEY GONÇALVES DE BRITO

Consigo me lembrar muito bem do mês de setembro de 1984, quando entrei no Senado Federal, momento marcante da minha vida pessoal e profissional.

Havia iniciado a minha vida profissional no Poder Executivo, Ministério da Agricultura. Apesar de ter começado a trabalhar em 1º/2/1980 como auxiliar de serviços, em 1981 fui readmitido para a carreira de técnico administrativo em razão de haver conseguido aprovação para uma das vagas do concurso público ocorrido em 1980. Em 1982 fui convidado a mudar para o Poder Legislativo, ocupando a chefia de gabinete do Deputado federal Sebastião Ataíde. Permaneci na Câmara dos deputados até 1984, quando a minha vida sofreu uma nova e permanente mudança. Tive a chance de deixar aquela Casa Legislativa e passar para o Senado Federal.



O salário que eu recebia na Câmara já era bom, mas o que passei a receber no Senado era melhor. Tínhamos muitas vantagens salariais naquela época (15 salários por ano, “castanha”, auxílio-paletó, hora extra etc.). Entretanto...

Comecei no Senado como digitador no Centro Gráfico, mais conhecido como Gráfica do Senado. Eu tinha destreza para a datilografia e já era universitário. A área gráfica tinha muitas peculiaridades, diferente de tudo que já havia feito, e o ritmo industrial era frenético, inusitado para o serviço público. Os prazos a cumprir eram rigorosos. Para conseguir entregar todas as publicações nos prazos estipulados, tínhamos quatro turnos de trabalho e muita gente distribuída nos diversos setores de produção.

O ano de 1985 não começou bem para os que trabalhavam no Centro Gráfico do Senado Federal. No fim do ano de 1984, uma ação popular contra o “Trem da Alegria” havia nos levado a ser motivo de chacota do povo brasileiro e ficamos alguns meses sem receber salários. Lembro que na faculdade não gostava de falar que trabalhava na Gráfica, pois seria ridicularizado, inevitavelmente chamado de “marajá”, entre outros termos não muito legais. E o pior é que trabalhávamos como “condenados”. Tínhamos metas a serem alcançadas, patamar mínimo de produção individual, mapas de controle, horários de trabalho ultrarrígidos e controle de portaria. Constantemente éramos exigidos a “virar” a noite (dobrar o turno) e trabalhar nos fins de semana para conseguir produzir a demanda legislativa, seja oficial (avulsos, jornais etc.), seja não oficial (cadernos, livros etc.).

Verifiquei que seria necessário um saber mais profundo do negócio para me estabelecer como profissional da área gráfica. Descobri que havia livros de autores norte-americanos e alemães que eram utilizados nas escolas de formação de técnicos gráficos e

consegui comprá-los. Como tinha conhecimento da língua inglesa, li até decorar os livros e comecei a aplicar meus conhecimentos diariamente.

A Gráfica do Senado foi considerada uma das maiores gráficas da América Latina. Os processos industriais utilizados nos anos 80 eram o tipográfico e o offset. A Gráfica e o Prodasen eram constantemente visitados por profissionais e curiosos de outros estados e países, ávidos por saber como conseguíamos entregar tamanha produção de impressos com qualidade e rapidez. Nesse período de vida passei a estudar muito. Cheguei a fazer mais de 50 cursos, a grande maioria pagos com o meu salário.

O acompanhamento das rotinas dos setores produtivos in loco (todos os dias eu estava nas oficinas acompanhando trabalhos



especiais) me ajudou a entender como todos os processos de produção funcionavam. Apesar da grande quantidade de material impresso, verifiquei que seria necessária uma alteração do fluxo produtivo, incorporando o sistema eletrônico/digital como um dos processos de produção, como já ocorria em outros países.

Como sabia que não seríamos ouvidos como meros trabalhadores das oficinas, eu e mais dois colegas de trabalho (Júlio Pedrosa e Germando Lopes) começamos a estudar uma forma de ascender a cargos e funções mais importantes. Tive a ideia de alterar o quadro de funções estabelecido para a Gráfica, inserindo uma nova função administrativa que ficaria acima dos chefes de serviço e abaixo dos supervisores de produção: os coordenadores de produção, seccionais e gerais. Elaboramos um projeto que foi levado aos diretores da Gráfica através de força política e aprovado legalmente. A nova função obteve tanto sucesso que foi utilizada no Senado como um todo, alterando o plano de cargos e salários existente. Como autores do projeto e funcionários promissores, ganhamos o respeito dos demais servidores e dos superiores hierárquicos mais reticentes.

Através de participações em cursos, viagens (algumas ao exterior, Alemanha e Estados Unidos), congressos, palestras e atividades afins, elaboramos projetos e fomos, gradativamente, alcançando posições de comando e alterando os fluxos gráficos para atender a demanda crescente. Cheguei a desempenhar a função de coordenador-geral de Produção, o qual tinha dezenas de setores e centenas de pessoas subordinadas. A incorporação do sistema produtivo eletrônico/digital alavancou a produção: foram comprados novos equipamentos, estabelecidos melhores critérios de eficiência, alterados os formatos dos impressos, mudadas as atribuições dos cargos e funções, ampliado e melhorado o treinamento do pessoal, uma verdadeira revolução industrial na Gráfica do Senado. Mesmo trabalhando em condições insalubres, tendo que conviver com

o odor forte de produtos químicos e o barulho quase ensurdecedor das máquinas de impressão ou de acabamento funcionando juntas, conseguíamos realizar um bom trabalho. Com isso quebramos recordes de produção. Trabalhávamos mais gastando menos. Nessa época já havia se juntado ao grupo o Petrus Elesbão, com a ajuda competente do Amaro Ulisses.

Como tinha uma boa formação (Administração de Empresas e Análise de Sistemas, além de línguas estrangeiras) e conseguia escrever bem, participava de quase todas as comissões destinadas à aquisição de insumos e equipamentos, modernização do parque gráfico, alteração dos cargos e funções etc. Fui autor de várias mudanças que geraram uma enorme economia de tempo e dinheiro para o Senado.

Nesse tema posso destacar:

- 1) a modificação na forma de aquisição de vários insumos – havia um desperdício de papel fotográfico, papel de impressão (eram compradas muitas toneladas de papel, em folha e bobina), chapas, tintas etc;
- 2) uso de um tipo de papel mais barato quando da montagem dos fotolitos;
- 3) utilização dos papéis antigos que estavam estocados há muito tempo e esquecidos no almoxarifado de papéis;
- 4) impressão compartilhada de mais de uma ordem de serviço por máquina de impressão ao mesmo tempo, otimizando a geração dos fotolitos e das chapas;
- 5) estabelecimento da montagem de “cadernos” de 12 páginas, obtendo economia nos setores de fotolito, impressão e acabamento;
- 6) emprego de mais de um numerador de impressos por “rama”, na impressão tipo gráfica, quando era o caso;

- 7) sugestão e auxílio na elaboração de muitos projetos de criação, transformação e extinção de setores, funções e atividades, assim como modernização de leiautes de setores industriais;
- 8) elaboração da mudança no formato de alguns impressos, inclusive relativos ao processo legislativo.

Trabalhava de 10 a 12 horas por dia na busca da excelência no atendimento dos senhores parlamentares do Congresso Nacional e demais unidades.

Teve um caso muito interessante nessa época e digno de ser citado: durante uma visita ao Departamento de Imprensa Nacional, fui informado pelo diretor do órgão que eles realizariam a extinção de setores e o desfazimento de vários equipamentos, máquinas impressoras, peças e insumos gráficos. A partir daí, articulei junto à Diretoria da Gráfica e à Diretoria-Geral do Senado para que, utilizando do bom relacionamento entre os dois parques gráficos, direcionássemos a doação de todo o material do DIN para o Senado. Tivemos que promover o encontro do presidente do Senado Federal (chefe do Poder Legislativo) e o presidente da República (chefe do Poder Executivo, ao qual o DIN estava subordinado). Deu tudo certo. Após aprovação e publicação dos atos legais, tivemos acesso a mais de 120 itens doados, entre eles máquinas impressoras, equipamentos de acabamento, papéis de impressão, chapas, tintas, peças e insumos gráficos. Houve uma reorganização dos setores produtivos para receber todo o material, mas valeu muito a pena.

Em 2003, querendo vivenciar novos desafios, resolvi trabalhar na área legislativa. Recebi o convite para ser chefe de gabinete do senador Tião Viana, do PT/Acre. Autorizada a transferência pelo presidente do Senado, trabalhei alguns meses no gabinete. Nesse período, constatei que a política tinha muitos obstáculos a serem transpostos com muito “jogo de cintura” e eu era extremamente



técnico. Com certeza isso não daria certo, como não deu mesmo. Alguns meses depois, voltei para a Gráfica para trabalhar na área administrativa, a convite do então diretor administrativo (Luiz da Paz).

Investido então na função de chefe de gabinete do diretor administrativo, consegui ainda propor modificações em rotinas e procedimentos na área administrativa. Realizei também palestras em visitas técnicas de alunos e pessoas ao parque gráfico; participei ativamente de ações beneficentes para auxílio a pessoas carentes, tanto dentro da Gráfica (terceirizados) quanto fora dela; participei da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (CIPA), da criação e expansão do setor de impressão de livros em Braille, da criação do Coral do Senado (em que cantei como tenor por alguns anos); fui eleito pelos colegas de trabalho para membro do Sindicato; secretário, diretor e vice-presidente da Associação dos Servidores do SF (Assefe); fui professor da língua inglesa para funcionários da Gráfica, jogador nos times dos campeonatos do clube, chegando a jogar pela Seleção Master do Senado; participei como membro, vice-presidente e presidente de inúmeras comissões técnicas, inclusive da Comissão Permanente de Licitação (Copeli), a qual era indicada, nos primórdios, diretamente pelo presidente do Senado (depois passou a ser indicada pela DGER).

Outro caso que merece ser mencionado foi quando me convocaram para realizar um balanço dos almoxarifados. Obviamente me dispus a fazer, junto com uma comissão de funcionários de reputação ilibada. Entretanto, convenci os diretores que o balanço seria realizado com todos os materiais existentes nos depósitos e não só por amostragem, como era habitualmente feito. Após longa discussão gerencial, autorizaram o procedimento. Tivemos um trabalho enorme, nunca visto no parque gráfico, inclusive com interrupção do sistema de gerenciamento eletrônico dos materiais de todo o Senado Federal, gerido pelo Prodasen. Um feito inédito que

revelou problemas na forma de cálculo, gestão das matérias-primas, quantidade de itens estocados de fato comparado com o que estava no sistema informatizado etc. Depois da apresentação do relatório final, foram realizadas muitas modificações e melhorias nas atividades da área de planejamento e gestão de matérias-primas, adequando-as aos novos sistemas, cada vez mais informatizados.

Houve também o fato da comissão para a elaboração dos preços dos impressos e serviços realizados na Gráfica. Até então, a cobrança era realizada de forma empírica e arcaica; não se sabia realmente quanto cada folha impressa custava ao Senado, e se o que era cobrado da Câmara dos Deputados e demais “clientes” cobria os gastos. Novamente conscientizei a diretoria da importância de se começar do “zero”, levantando todos os centros de custos, valor do homem/hora e demais valores necessários ao estabelecimento do custo real de cada atividade ligada ao processo produtivo. Autorizada a formação da comissão, os membros tiveram um trabalho árduo. O relatório final evidenciou algumas atividades desnecessárias e/ou duplicadas, além de problemas na formação dos preços. Tais “achados” foram reorganizadas e/ou corrigidos. O estabelecimento das novas tabelas de preços foi imprescindível para a readequação do sistema financeiro da Gráfica e maior eficiência para os setores.

Como reconhecimento ao meu trabalho, consegui alcançar, por mérito, funções de direção e gerenciei áreas administrativas. Convivi mais de perto com diretores-gerais e diretores de secretaria, despachando com presidentes e secretários da Mesa do Senado. Um desses trabalhos interessantes foi desenvolvido na área de administração de compras e contratações, e da Comissão Permanente de Licitação. Reorganizamos as estruturas, os cargos e as funções, além de conseguirmos alocar uma boa quantidade de técnicos e analistas, provenientes dos concursos públicos, recuperando a importância dessas unidades administrativas na estrutura do Senado. Nos meus

últimos anos trabalhei como um dos pregoeiros oficiais do Senado, função à qual me dediquei por gostar do que fazia e que acredito ter desempenhado com sucesso. Aposentei-me em novembro de 2018 de forma tranquila, consciente de ter contribuído para o desenvolvimento dos órgãos por onde passei e do Senado Federal como um todo.

Atualmente sou casado com a também servidora aposentada do Senado Noêmia Gomes dos Santos; participo de grupos ligados a motocicletas, carros, kart (fui campeão ano passado da categoria F3 do FKR), ações beneficentes (Liga do Bem) e pescaria; organizo e participo de viagens no Brasil e exterior; sou membro fundador e participante da confraria *Amicus Vinum*; participo como cantor no naipe de tenores do Coral Brasília e pratico exercícios físicos regularmente.

Encerro evidenciando que, além de tudo isso, o melhor é saber que adquiri muitos amigos durante a vida profissional, aos quais agradeço a maravilhosa convivência, mas que ainda terei imenso prazer de compartilhar o futuro que nos resta, nem que seja por pequenos momentos. Um brinde ao Senado Federal e à vida.